

Por: **Alexandre Mathias** - Estrategista Chefe, **Bruno Benassi** - Analista de Ativos e **Luciano Costa** - Economista Chefe

Destaques na abertura do mercado

A aversão ao risco domina a abertura dos mercados globais nesta quinta-feira (19). Os ataques do Irã à infraestrutura de produção no Oriente Médio empurraram o barril de petróleo tipo Brent para a faixa de US\$ 110.

O movimento impulsiona uma liquidação de ações e a busca por ativos de proteção. O índice do dólar (DXY) atinge sua máxima de nove meses, enquanto as taxas dos Treasuries de 10 anos avançaram ontem (18).

Uma escalada do conflito ocorreu na quarta-feira, quando Israel lançou ataques contra um campo de gás no Irã. Em resposta, Teerã a disparou mísseis contra um terminal de gás natural liquefeito no Catar.

Os preços do petróleo saltaram durante a madrugada. Os contratos futuros do Brent avançam 1,82%, cotados a US\$ 98,07 por barril.

As publicações de Trump sobre os episódios sinalizam consciência dos custos econômicos e políticos — dinâmica que pode reforçar uma retirada antecipada dos EUA.

Ontem, o Fed manteve os juros estáveis, enquanto o Banco Central do Brasil iniciou um ciclo de relaxamento monetário cuja continuidade depende da evolução do cenário externo.

A taxa do título de dois anos negocia a 3,81%. A mesma dinâmica é observada no papel de 10 anos, cotado a 4,28%.

O índice DXY registra alta de 0,05% aos 100,13 pontos. O ouro recua 2,42%, precificado a US\$ 4.701,69 por onça, enquanto o Bitcoin cai 0,98% e negocia a US\$ 70.528,35.

Na Ásia, o índice chinês Shanghai CSI 300 fechou em baixa de 1,61%. O índice Nikkei, do Japão, encerrou a sessão com queda de 3,38%.

Na Europa, o índice Euro Stoxx opera em recuo de 2,18%. Nos EUA, o S&P 500 Futuro negocia em baixa de 0,22%.

No Brasil, o Ibovespa encerrou com perda de 0,43%. O dólar avançou 1,43% contra o real, fechando a R\$ 5,2678.

EUA: O Fed manteve a taxa de juros no intervalo entre 3,50% e 3,75% o ano, em linha com as expectativas. O BC americano destacou que a atividade econômica segue em expansão sólida, embora o mercado de trabalho mostre sinais de moderação, com criação de vagas fraca e taxa de desemprego estável. O comitê também enfatizou que a incerteza permanece elevada, especialmente diante dos desdobramentos no Oriente Médio e seus potenciais impactos sobre a economia americana.

Em entrevista, o presidente Jerome Powell descreveu uma economia resiliente, mas com inflação ainda acima da meta. Ele observou que parte relevante do núcleo do PCE — entre 0,50 e 0,75 ponto percentual — reflete o impacto temporário de tarifas, que tende a se dissipar.

Apesar da manutenção da mediana das projeções de cortes, Powell reconheceu um deslocamento das expectativas em direção a menos flexibilização, mesmo que a visão predominante continue sendo de progresso gradual no processo desinflationário. **Na próxima página, incluímos a sessão Monte Bravo Analisa - Fed com a análise da decisão e os impactos sobre os ativos e os investimentos.**

Brasil: O Copom reduziu a taxa Selic para 14,75% a.a., dando início ao ciclo de afrouxamento mesmo diante das incertezas associadas ao conflito no Oriente Médio. O comunicado destacou que a manutenção dos juros em nível contracionista já produziu evidências de transmissão da política monetária, contribuindo para a desaceleração da atividade econômica, ao mesmo tempo em que ressaltou a elevada incerteza do cenário.

Segundo o Copom, os próximos passos dependerão da evolução do quadro geopolítico e de seus efeitos sobre o cenário de inflação, especialmente via petróleo. **O Copom caracterizou a decisão como o "início ao ciclo de calibração da política monetária", indicando que as próximas decisões estão em aberto.**

Nesse contexto, a decisão entre um corte de 0,25 p.p. ou uma eventual aceleração para 0,50 p.p. estará condicionada à trajetória dos preços do petróleo e aos seus impactos sobre a dinâmica inflacionária até a próxima reunião.

Em um cenário de arrefecimento dos riscos ao longo de abril, **com condições financeiras globais mais acomodáticas, o BC teria espaço para avançar no ciclo de cortes, levando a Selic a cerca de 12,50% a.a. até novembro. Na próxima página, incluímos a sessão Monte Bravo Analisa - Copom, com a análise da decisão e os impactos sobre os ativos e os investimentos.**

Preços de Ativos Seleccionados¹

	Cotação		Variação ²			
	19-mar-26	dia	Mês	2026	12 meses	
Renda Fixa	Tesouro EUA 2 anos	3,81	3	43	36	-24
	Tesouro EUA 10 anos	4,28	1	34	15	-2
	Juros Futuros - jan/27	14,13	-3	84	32	-30
	Juros Futuros - jan/31	13,86	6	83	39	-49
	NTN-B 2027	8,35	1	26	-14	49
	NTN-B 2050	7,17	1	19	2	-26
Renda Variável	MSCI Mundo	1.005	-0,7%	-4,9%	-1,4%	19,8%
	Shanghai CSI 300	4.583	-1,6%	-2,7%	-1,5%	14,7%
	Nikkei	53.373	-3,4%	-9,3%	6,0%	42,7%
	EURO Stoxx	5.612	-2,2%	-8,6%	-3,2%	3,1%
	S&P 500	6.625	-1,4%	-3,7%	-3,9%	18,0%
	NASDAQ	22.152	-1,5%	-2,3%	-5,4%	26,6%
	MSCI Emergentes	1.517	1,5%	-5,8%	8,2%	32,5%
	IBOV	179.640	-0,4%	-4,8%	11,5%	36,6%
	IFIX	3.868	-0,2%	-1,1%	2,5%	19,5%
	S&P 500 Futuro	6.663	-0,2%	-4,0%	-4,8%	12,6%

(1) Cotações tomadas às 8h BRT trazem o fechamento do dia dos ativos asiáticos, o mercado ainda aberto para ativos europeus e futuros e o fechamento do dia anterior para os ativos das Américas.

Fonte: Bloomberg.

Indicadores de hoje

	País	Evento	Ref.	Esperado	Efetivo	Anterior
07:00	EC	Custos de mão de obra A/A	4Q			3,30%
10:15	EC	Taxa de facilidade de depósito BCE	19/mar	2,00%		2,00%
09:30	US	Novos pedidos seguro-desemprego	14/mar	215k		213k
11:00	US	Vendas de casas novas	Jan	725k		745k
11:00	US	Vendas casas novas M/M	Jan	-2,70%		-1,70%
22:00	CH	Taxa prime empréstimos 5A	20/mar	3,50%		3,50%
22:00	CH	Taxa prime empréstimos 1A	20/mar	3,00%		3,00%

IMPORTANTE: [A Monte Bravo Corretora de Valores Mobiliários S.A.](#) ("Monte Bravo") é uma instituição financeira autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil. Esta mensagem e eventuais anexos podem conter informações confidenciais destinadas a indivíduo e propósito específico, sendo protegidas por lei. Caso você não seja o destinatário ou pessoa autorizada a recebê-la, por favor, avise imediatamente o remetente e, em seguida, apague o e-mail. É terminantemente proibido a utilização, cópia ou divulgação não autorizada das informações presentes neste informe. As informações nele contidas e em seus eventuais anexos são de responsabilidade do seu autor, não representando necessariamente ideias, opiniões, pensamentos ou qualquer forma de posicionamento por parte da Monte Bravo. Por fim, é imprescindível que o destinatário verifique este e-mail e todos os anexos em busca de possíveis vírus. A empresa/remetente não assume responsabilidade por quaisquer danos decorrentes da transmissão de vírus através deste e-mail.

[CLASSIFICAÇÃO: PÚBLICO]

	Cotação		Variação ²			
	19-mar-26	dia	Mês	2026	12 meses	
Moedas	Cesta de moedas/ US\$	100,13	0,0%	2,6%	1,9%	-3,1%
	Yuan/ US\$	6,90	0,2%	0,5%	-1,4%	-4,5%
	Yen/ US\$	159,13	-0,5%	2,0%	1,7%	6,6%
	Euro/US\$	1,15	0,3%	-2,8%	-2,2%	5,2%
	R\$/ US\$	5,27	1,4%	2,8%	-3,8%	-7,1%
	Peso Mex./ US\$	17,86	1,2%	3,7%	-0,7%	-10,3%
Commodities & Outros	Peso Chil./ US\$	917,64	1,2%	5,1%	2,0%	0,1%
	Petróleo (WTI)	98,1	1,8%	46,3%	69,2%	45,1%
	Cobre	540,3	-2,7%	-10,0%	-6,5%	9,5%
	BITCOIN	70.528,4	-1,0%	7,6%	-20,0%	-16,0%
	Minério de ferro	106,3	-0,7%	7,3%	-0,9%	3,4%
	Ouro	4.701,7	-2,4%	-10,9%	8,3%	56,7%
	Volat. S&P (VIX)	26,2	4,3%	31,7%	82,6%	27,5%
	Volat. Tesouro EUA (MOVE)	81,3	2,5%	10,7%	27,0%	-16,0%
	ETF Ações BR em US\$ (EWZ)	36,3	-1,2%	-6,4%	13,3%	36,5%
	Frete marítimo	2.064,0	2,0%	-3,6%	10,0%	25,1%

(2) Ativos de renda fixa apresentam a variação em pontos-base (p.b.), esta é a forma como o mercado expressa variações percentuais em taxas de juros e spreads. O ponto-base é igual a 0,01% ou 0,0001 em termos decimais. Os demais ativos mostram a variação em percentual.

Indicadores do dia anterior

	País	Evento	Ref.	Esperado	Efetivo	Anterior
07:00	EC	CPI A/A	Feb F	1,90%	1,90%	1,90%
07:00	EC	Núcleo CPI A/A	Feb F	2,40%	2,40%	2,40%
09:30	US	PPI M/M	Feb	0,30%	0,70%	0,50%
09:30	US	Núcleo PPI M/M	Feb	0,30%	0,70%	0,30%
09:30	US	PPI A/A	Feb	3,00%	3,40%	2,90%
09:30	US	Núcleo PPI A/A	Feb		3,50%	3,40%
15:00	US	Decisão taxa FOMC (limite máx)	18/mar	3,75%	3,75%	3,75%
18:30	BZ	Taxa Selic	18/mar	14,75%	14,75%	15,00%

Por: **Alexandre Mathias** - Estrategista Chefe, **Bruno Benassi** - Analista de Ativos e **Luciano Costa** - Economista Chefe

Fed mantém juros conforme esperado, mas destaca incerteza elevada; Mediana das projeções mantém corte de juros

O FOMC optou por manter a taxa dos Fed Funds — juros base da economia dos Estados Unidos — para a faixa-alvo de 3,50% a 3,75% ao ano.

No comunicado, houve pequenos ajustes na avaliação do mercado de trabalho e a inclusão das implicações do conflito recente no Oriente Médio. O Fed manteve a avaliação de que a economia segue crescendo em ritmo sólido, a geração de vagas permanece baixa e a taxa de desemprego apresentou pouca variação nos últimos meses. A inflação permanece em patamar elevado. No balanço de riscos, o Fed introduziu a discussão sobre os impactos do conflito no Oriente Médio, mas avaliou que as implicações para economia são incertas.

Atividade: Indicadores recentes disponíveis sugerem que a economia segue crescendo em ritmo sólido.

Mercado de Trabalho: A criação de vagas permanece baixa e a taxa de desemprego tem variado pouco nos últimos meses.

Inflação: Permanece um pouco elevada.

Balanço de Riscos: Os riscos de inflação e emprego estão equilibrados.

Orientação para o futuro: A incerteza sobre o cenário econômico prospectivo segue elevada e as implicações dos eventos recentes no Oriente Médio para a economia americana são incertas.

Entrevista: O presidente do Fed, Jerome Powell, manteve a avaliação de que o crescimento tem se mostrando sólido, com consumo resiliente e investimentos crescendo. No mercado de trabalho, a criação de empregos permaneceu baixa.

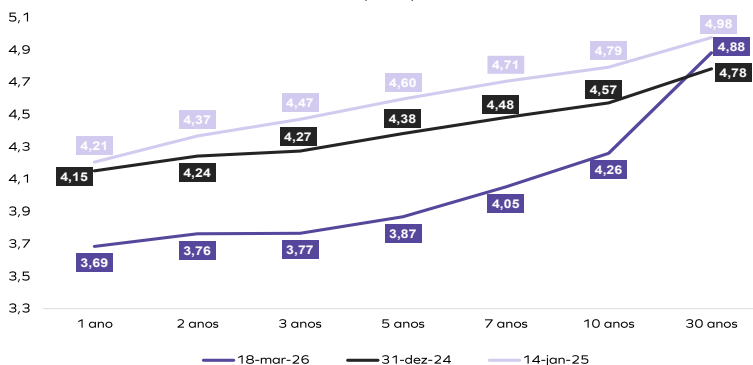
Boa parte da desaceleração no ritmo de crescimento do emprego no último ano reflete um declínio no crescimento da força de trabalho devido à menor imigração e participação na força de trabalho. No entanto, a demanda por mão de obra também diminuiu.

Na avaliação da inflação, Powell disse que a elevação da projeção do núcleo do PCE de 2,5% para 2,7% em 2026 é, em parte, devido aos eventos no Oriente Médio e ao preço do petróleo. A elevação da projeção também reflete o progresso lento que tem sido visto em relação ao impacto das tarifas no núcleo de bens. Apesar desse processo mais lento, o Fed ainda acredita que o impacto das tarifas é localizado e pontual, devendo se dissipar nos próximos meses — o que justifica a expectativa de um corte de juros ao longo desse ano.

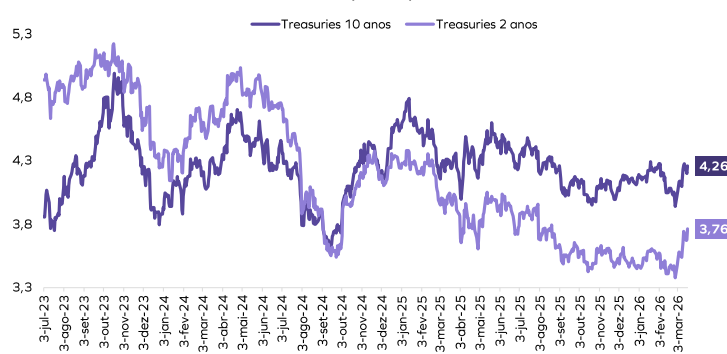
Powell afirmou que os efeitos econômicos de um eventual choque nos preços do petróleo são altamente incertos, podendo ser tanto limitados quanto significativos — o que impede qualquer convicção firme sobre sua duração ou intensidade. Ele destacou que, caso os preços de combustíveis permaneçam elevados por um período prolongado, isso tende a pressionar a renda disponível e o consumo, mas o grau de transmissão é imprevisível.

A entrevista reforçou a percepção de que o Fed quer aguardar e avaliar os impactos do choque do petróleo sobre o cenário e a possível redução dos efeitos das tarifas sobre a inflação de bens antes de definir os próximos passos da política monetária. Avaliamos que essa sinalização é compatível com nosso cenário de retomada do ciclo de corte de juros a partir da reunião de setembro, com dois cortes de 25 pontos base até o final de 2026.

EUA - Estrutura a Termo - Treasuries
(% a.a.)



Treasuries 2 e 10 anos
(% a.a.)



O que isso implica para os mercados de ativos

O FOMC manteve a taxa de juros no intervalo entre 3,50% e 3,75%, conforme esperado. O comunicado destacou que a atividade econômica mantém expansão em ritmo sólido, enquanto a criação de vagas permaneceu fraca e a taxa de desemprego apresentou pouca alteração.

“A incerteza em relação ao cenário econômico continua elevada”, apontou o comitê de política monetária do Fed. “As implicações dos desdobramentos no Oriente Médio para a economia dos EUA são incertas”.

Na entrevista, o presidente Powell destacou o cenário com economia em crescimento sólido e inflação acima da meta. Powell, no entanto, destacou que parte dessa pressão vem do impacto das tarifas. **“Embora o núcleo do PCE esteja em torno de 3%, entre 0,50 e 0,75 ponto percentual desse total decorre da imposição de tarifas, efeito que tende a se dissipar à frente”, disse o mandatário do Fed.** Ele reiterou que a teoria econômica orienta ignorar choques de energia, mas que isso depende das expectativas de inflação.

Powell também comentou sobre a manutenção de cortes de juros nas projeções mesmo com a alta no núcleo do PCE. **“Embora a mediana não tenha sofrido alteração, houve, de fato, um deslocamento significativo em direção a menos cortes [...] Essencialmente, a perspectiva é de que haverá progresso na (no cenário de inflação)”, explicou.**

Na Monte Bravo, mantemos a avaliação de que — caso os preços do petróleo retornem à faixa de US\$ 70 por barril ao longo de abril — o Fed terá condições de reduzir a taxa de juros em 0,50 p.p. no horizonte de 12 meses. **Assim, a expectativa é que as taxas dos Treasuries de 10 anos continuem a flutuar entre 3,70% e 4,30% nos próximos meses.**

No Brasil, o Comitê de Política Monetária (Copom) iniciará um ciclo de afrouxamento monetário. Sob o cenário base, que contempla a queda dos preços do petróleo ao longo de abril, esse movimento terá continuidade até o patamar de 12,50% em setembro. Contudo, diante do risco geopolítico e do calendário eleitoral, a recomendação de cautela segue válida.

A recomendação é aproveitar o bom desempenho acumulado pelos ativos de risco para reduzir a exposição das carteiras. Ante um CDI de 14,70% nos últimos 12 meses, o índice IFIX acumula 20,40% e o Ibovespa 37,90%, ambos com importante contribuição para a geração de alfa no portfólio.

Em nosso cenário neutro, com a reeleição de Lula, o governo renovaria a promessa de ajuste fiscal. O desafio, contudo, seria recuperar a credibilidade afetada pelo descumprimento do arcabouço fiscal.

O mercado adotaria um ceticismo crítico e ampliaria o prêmio de risco enquanto afere a viabilidade das medidas. O dólar terminaria o ano cotado a R\$ 6, o que levaria a inflação para 5% em 2027 e exigiria um novo aperto da taxa Selic para o patamar de 14%.

Não se trata de um cenário de crise aberta, mas o aumento do risco levará a uma abertura da curva de juros. No entanto — com exceção da Bolsa, que recuará cerca de 20% para a faixa de 140 mil pontos — as classes de ativos devem ter retornos positivos, ainda que abaixo do CDI de 13,25%, em 2027.

Nesse contexto, os investimentos no exterior despontam como a principal alternativa. A projeção aponta para um avanço em torno de 30% em reais e 9% em dólares para o portfólio 60/40 nos próximos 12 meses.

Copom inicia ciclo de afrouxamento com corte de 0,25 p.p. e leva taxa Selic para 14,75% a.a.

O Comitê de Política Monetária Copom do Banco Central reduziu a taxa Selic em 0,25 ponto percentual, para 14,75% ao ano, em votação unânime. No Comunicado, o Copom justificou a decisão, da seguinte forma:

Ambiente externo: Tornou-se mais incerto em função do acirramento de conflitos geopolíticos no Oriente Médio. Exige cautela por parte de países emergentes, em um ambiente marcado por elevação da volatilidade de preços de ativos e commodities.

Atividade e mercado de trabalho: Segue apresentando trajetória de moderação no crescimento, embora o mercado de trabalho ainda mostre sinais de resiliência.

Inflação e medidas subjacentes: Continuam apresentando algum arrefecimento, mas mantiveram-se acima da meta para a inflação.

Expectativas de inflação: As projeções para 2026 e 2027 apuradas pela pesquisa Focus permanecem em valores acima da meta, em 4,1% e 3,8%, respectivamente.

A projeção de inflação para o terceiro trimestre de 2027 — atual horizonte relevante de política monetária — foi elevada de 3,2% para 3,3% no cenário de referência.

Os riscos para a inflação, tanto de alta quanto de baixa, já se encontravam mais elevados do que o usual e se intensificaram após o início dos conflitos no Oriente Médio. Entre eles, podemos destacar: (i) desancoragem das expectativas de inflação; (ii) resiliência maior que as projeções na inflação de serviços em função de um hiato do produto mais positivo; e (iii) conjunção de políticas econômicas externas e internas que tenham impacto inflacionário maior que o esperado. Entre os riscos de baixa, destacam-se: (i) eventual desaceleração mais acentuada da atividade econômica doméstica; (ii) uma desaceleração global mais pronunciada, decorrente do choque de comércio; e (iii) redução nos preços das commodities com efeitos desinflacionários.

Decisão de reduzir a Selic para 14,75% a.a.: O Comitê avalia de forma prospectiva os impactos dos conflitos no Oriente Médio, especialmente através de seus efeitos sobre os preços de commodities com repercussões na inflação doméstica. No cenário atual, as projeções indicam afastamento adicional da inflação em relação à meta no horizonte relevante para a política monetária. Observa-se uma elevação significativa da incerteza em torno dessas projeções, reflexo da indefinição quanto à duração dos conflitos. **O Copom julgou apropriado dar início ao ciclo de calibração da política monetária, pois a o período prolongado de manutenção dos juros em patamar contracionista trouxe evidências da transmissão da política monetária sobre a desaceleração da atividade econômica.**

Próximos passos: No cenário atual, com forte aumento da incerteza, o Comitê reafirma serenidade e cautela na condução da política monetária. O Copom mantém tal postura para que os passos futuros do processo de calibração da taxa básica de juros possam incorporar novas informações que aumentem a clareza sobre a profundidade e a extensão dos conflitos no Oriente Médio — assim como seus efeitos diretos e indiretos sobre o nível de preços ao longo do tempo.

O que isso implica para os investimentos

O Copom reduziu a taxa Selic para 14,75% a.a. e manteve o roteiro mesmo com as incertezas geradas pela guerra no Oriente Médio. O comunicado indica que o ciclo de cortes ocorre diante de um quadro em que a manutenção da taxa de juros em patamar contracionista propiciou evidências da transmissão da política monetária sobre a desaceleração da atividade econômica.

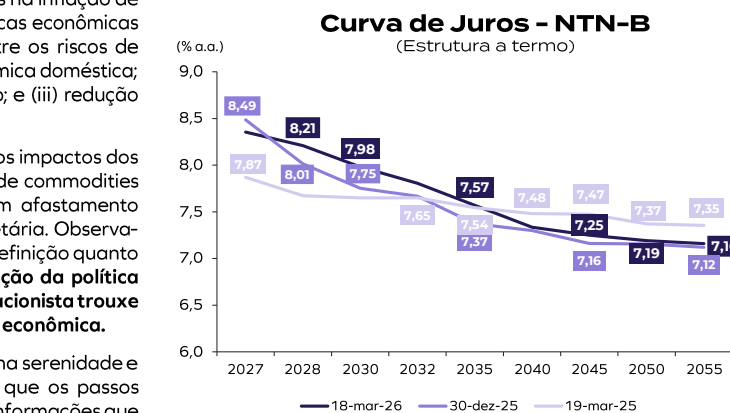
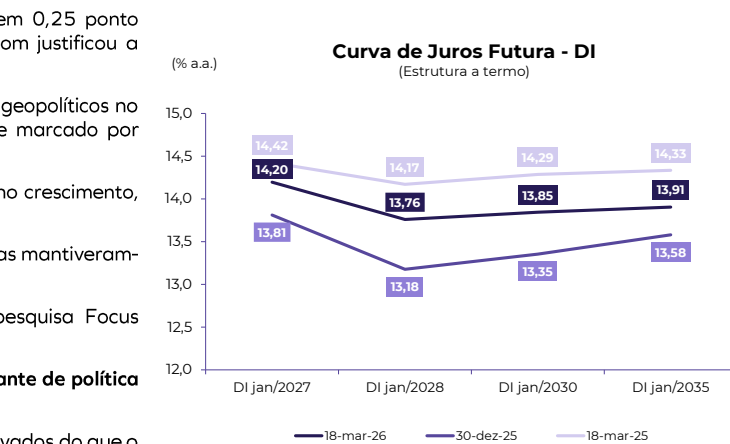
O Copom destaca a elevada incerteza no cenário atual e enfatiza que os próximos passos da política monetária dependerão da evolução dos acontecimentos e da incorporação de novas informações, que tragam maior clareza sobre a magnitude e a duração dos conflitos no Oriente Médio. Nesse contexto, a decisão entre um corte de 0,25 p.p. ou uma eventual aceleração para 0,50 p.p. estará condicionada à trajetória dos preços do petróleo e aos seus impactos sobre a dinâmica inflacionária até a próxima reunião.

Na Monte Bravo, mantemos a avaliação de que — caso os preços do petróleo retornem à faixa de US\$ 70 por barril ao longo de abril — o Fed terá condições de reduzir a taxa de juros em 0,50 p.p. no horizonte de 12 meses. **Assim, a expectativa é que as taxas dos Treasuries de 10 anos continuem a flutuar entre 3,70% e 4,30% nos próximos meses.**

Assim, se o risco geopolítico refluir ao longo de abril, as condições financeiras globais seguiriam acomodáticas. Isto dará condições ao Copom para seguir o ciclo de afrouxamento monetário até o patamar de 12,50% a.a. em setembro.

Contudo — tanto pelo risco geopolítico, quanto das eleições presidenciais — a recomendação de cautela segue válida. A partir do segundo trimestre, o foco recairá sobre a postura fiscal dos candidatos perante uma dívida que encerrará o ano próxima a 84% do PIB e, se nada for feito, ultrapassará 90% do PIB em 2028.

O desfecho do cenário em 2026 depende da credibilidade para executar um ajuste fiscal com o objetivo de estabilizar a dívida em relação ao PIB. Isso requer



que o déficit primário estrutural, de cerca de 1,40% do PIB, seja revertido para um superávit próximo a 2,00% do PIB no ciclo de 2027 a 2030.

A recomendação é aproveitar o bom desempenho acumulado pelos ativos de risco para reduzir a exposição das carteiras. Ante um CDI de 14,70% nos últimos 12 meses, o índice IFIX acumula 20,40% e o Ibovespa 37,90%, ambos com importante contribuição para a geração de alfa no portfólio.

Em nosso cenário neutro, com a reeleição de Lula, o governo renovaria a promessa de ajuste fiscal. O desafio, contudo, seria recuperar a credibilidade afetada pelo descumprimento do arcabouço fiscal.

O mercado adotaria um ceticismo crítico e ampliaria o prêmio de risco enquanto afere a viabilidade das medidas. O dólar terminaria o ano cotado a R\$ 6, o que levaria a inflação para 5% em 2027 e exigiria um novo aperto da taxa Selic para o patamar de 14%.

Não se trata de um cenário de crise aberta, mas o aumento do risco levará a uma abertura da curva de juros. No entanto — com exceção da Bolsa, que recuará cerca de 20% para a faixa de 140 mil pontos — as classes de ativos devem ter retornos positivos, ainda que abaixo do CDI de 13,25%, em 2027.

As posições pós-fixadas seguirão com ganho real relevante, em torno de 7,30%. O aumento do risco, porém, levará a uma abertura da curva de juros, gerando rentabilidades da ordem de 12% para o índice IRF-M e de 7% para o IMA-B. Os Fundos Imobiliários tem os cortes para impulsionar ganhos de capital, mas a elevação dos prêmios de risco limitará a valorização do IFIX a cerca de 4% ao final de 2026.

Nesse contexto, os investimentos no exterior despontam como a principal alternativa. A projeção aponta para um avanço em torno de 30% em reais e 9% em dólares para o portfólio 60/40 nos próximos 12 meses.